- **ABORDAGENS DESCRITIVAS E TIPOLÓGICAS DE LÍNGUAS INDÍGENAS**
  Dia 29 - Local: Colegiado - 14:00-18:00
  Coordenador(a): Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira

A EXPRESSÃO DA PESSOA EM APARAI (CARIBE)

Eliane Camargo (USP)

Falado por menos de 250 pessoas, o aparai é uma língua caribe bastante citada na literatura lingüística, devido aos trabalhos de Edward & Sally Koehn . Ele carece, entretanto, de um estudo descritivo que revele, entre outros, suas significações, seus paradigmas, suas estratégias sintáticas de predicação. Como contribuição a este estudo, proponho uma apresentação da expressão da pessoa em suas diferentes funções sintáticas, quando associada a nomes e a verbos, levando em conta seus ajustamentos morfofonológicos.

Língua de morfologia afixal, a pessoa em apalai em função actancial é indicial. Dispõe, no entanto, de pronomes tônicos que apresentam uma forma simples e uma forma enfática, marcada por um assertivo. Quanto à indicialização, ela é apresentada em duas séries de pessoa: uma que marca os verbos ativos e a outra que marca os verbos inativos. Classificação verbal que caracteriza somente as pessoas do discurso (EU/TU). A 3a. pessoa marca o sistema sintático ergativo/absolutivo. No que tange à pessoa no plural, cabe dizer que o apalai - como outras línguas caribes - dispõe de formas sagitais para o plural inclusivo, marcado pelo dual (1+2) e pelo trial (1+2+3). Esta complexa categoria da pessoa apresenta ainda realizações morfofonológicas que, em certos casos, revelam formas antigas do lexema indicializado.

Um dos objetivos desta breve descrição da morfossintaxe aparai, indicializada ou pronominal, é o de contribuir com uma discussão maior que trate da questão tipológica no âmbito das relações actanciais nas línguas caribes. Estas questões englobam, entre outros, as classes verbais, os sistemas sintáticos cindidos.

A GRAFIA UNIFORMIZADA: UMA CONQUISTA DOS POVOS TIMBIRA

Rosane de Sá Amado (USP)

Após dez anos de reuniões, discussões acirradas e muitas conversas, em dezembro último, na oficina realizada no Pimxwyj Himpejxy (Centro de Formação de Professores Timbira) em Carolina, Maranhão, promovida pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI), os representantes de cinco povos Timbira - Canela-Apanjekrá, Canela-Ramkokamekrá, Gavião-Pykopjê, Krahô, Krinkati - conseguiram chegar a um consenso e estabelecer uma grafia uniformizada para o Timbira padrão. Alguns dos povos, como os Gavião-Pykopjê, Krinkati e os Canela-Ramkokamekrá, já contavam com grafias elaboradas por missionários, mas que não condiziam com seus sistemas fonológicos; outros usavam grafias adaptadas a seus dialetos, que não atendiam às suas necessidades. Os encontros para discussão de uma grafia uniformizada vinham sendo assessorados desde 1994 pela lingüista Flávia de Castro Alves e contou, nesse último encontro, também com meu auxílio. Este trabalho visa relatar os acontecimentos dessa oficina, principalmente as discussões entre os representantes de cada povo, e apresentar seus resultados: a grafia uniformizada em comparação com os sons de cada dialeto Timbira e a lista de palavras (cerca de 350) elaborada pelos participantes como parte da documentação que eles apresentaram posteriormente a suas comunidades.

A POSSE NOMINAL EM LÍNGUAS ARAWÁK DO SUL E ARAWÁK CENTRAL: UMA ABORDAGEM DESCRITIVA.

Angel H. Corbera Mori (UNICAMP)

Um traço típico das línguas arawák é o uso dos afixos pronominais {nV-i}para marcar a primeira pessoa possuidora e {pV-} para a segunda pessoa possuidora como por exemplo em Inhapari (Parker,1995): no-manáha ' meu corpo', no-jüwí 'minha cabeça'; pi-namá 'tua boca', p-ojü 'teu olho'. Essa característica já tinha sido observada por Steinen (1940) em seu contato com povos arawák do Xingu. Segundo ele, "os Nu-Aruak se dividem em duas sub-tribus: os Nu e os Aruak. "Nu" é o prefixo dominante dessas tribos, é o prefixo característico pronominal da primeira pessoa..." (op. cit.: 197).

Outra característica das línguas arawák relaciona-se com a forma de se estabelecer a posse dos nomes que semântica e formalmente são definidos como inalienáveis. Nessa categoria ficam as denominações de partes do corpo, os termos de parentesco, partes de plantas, 'casa', 'arco', 'comida' e outros nomes que comumente têm dono. Na gramática das línguas arawák, esses nomes flexionam-se com prefixos que indicam a pessoa possuidora. Contudo, se esses nomes, por alguma razão, não se relacionarem com um possuidor, então devem receber a marca de 'absoluto' (Payne, 1987, 1991), como ocorre em Waurá (Arawák Central): tsewé-i 'dente', vs. ni-tséwe 'meu dente', waná-i 'braço', vs. nu-wána 'meu braço'. Por outro lado, os alienáveis precisam de marcadores de posse que ocorrem como sufixos do nome, por exemplo em Asheninka do Apurucayali (Arawák do Sul): mápi 'pedra', no-mápi-ni 'minha pedra', pó-mapi-ni 'tua pedra'. Sobre a base dessas observações, esta comunicação mostra algumas características tipológicas de marcação de posse em dois conjuntos de línguas arawák: as do Sul ou Meridional e aquelas do ramo Central faladas no parque indígena do Xingu, MT.

ASPECTOS TIPOLÓGICOS DA POSSE NOMINAL EM TAPAJUNA: DESCRIÇÃO PRELIMINAR.

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (UFPA)

A língua Tapajuna pertence ao Tronco Macro-Jê e é falada por uma comunidade de menos de cem falantes, que vivem entre os Metuktire, no Mato Grosso. O objetivo desta comunicação é apresentar dados e análises preliminares com respeito à posse nominal em Tapajuna, que, como outras línguas geneticamente relacionadas, diferencia nomes semântica e formalmente.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A POSSE NOMINAL EM WAPICHANA

Manoel Gomes dos Santos (UFRR/UNICAMP)

O propósito principal deste trabalho é apresentar uma análise preliminar da construção possessiva (ou genitiva) da língua indígena Wapichana que, conforme Rodrigues (1986: 69), pertence à família Arawak e é falada pelo grupo étnico de mesmo nome. A investigação toma por base a tipologia de posse alienável e inalienável nos termos de Nichols (1988), utilizando também informações já comprovadas em línguas da mesma família, como aquelas obtidas acerca da língua Arawak das Guianas ou Lokono (Patte, 2000), acerca da língua Tariana (Aikhenvald, 1994) e acerca da língua Apurinã (Facundes, 2000).

Os resultados da análise indicam que a língua Wapichana, como ocorre com as línguas Arawak em geral, exibe a distinção entre nomes de posse alienável e nomes de posse inalienável e pode ser considerada como pertencente ao padrão núcleo-marcado, uma vez que a marca de posse é localizada no núcleo (nome possuído) da construção possessiva e não no modificador ou dependente (possuidor). Assim, nomes alienáveis quando possuídos levam normalmente o marcador de posse -n; enquanto os inalienáveis (como aqueles termos referentes a partes do corpo e a relações de parentesco) ocorrem sem esse marcador.

MORFOLOGIA DAS CONSTRUÇÕES POSSESSIVAS DA LÍNGUA IKPENG (KARÍB): UM ESTUDO SOBRE A MARCAÇÃO DA POSSE NUMA LÍNGUA HEAD-MARKING

Frantomé Bezerra Pachêco (USP)

O trabalho tem por objetivo apresentar um estudo sobre as construções possessivas em Ikpeng, conhecida também como "Txikão" (Karíb), tomando como referencial de análise a Tipologia Lingüística. Segundo Croft (1990 e 1995), essa abordagem se caracteriza por investigar fenômenos das línguas naturais tomando por base generalizações formuladas a partir da comparação inter-lingüística, envolvendo, preferencialmente, línguas de diferentes famílias, localizadas em diversas regiões do planeta (para mais detalhes, cf. Comrie, 1989; Dryer, 1989; Nichols, 1992). A análise das construções possesseivas se concentrará nos seguintes aspectos: a) características morfológicas da marcação de posse, tomando como referência o tipo de marcação e o elemento marcado, núcleo ou dependente (cf. Nichols, 1992); b) questões referentes ao deslocamento do dependente (possuidor) para uma posição superior àquela em que se encontra o núcleo nominal possuído (ascensão do possuidor); e c) a natureza semântica e morfossintática dos elementos que compõem a construção estudada. Procuraremos mostrar que i) a construção é do tipo "head-marking" (com marcação no núcleo); ii) o nominal possuído pode perder a propriedade de

ser possuído (marcada pelo sufixo -ngo ou -Ø); iii) o possuidor na função de sujeito pode controlar o nominal possuído em construções transitivas, sendo tal relação marcada pelo morfema tï-, prefixado ao elemento possuído; iv) o possuidor, quando representado por um nominal, bloqueia o emprego do prefixo de terceira pessoa, fenômeno encontrado em algumas línguas Karíb (cf. Gildea, 1998). Com isso, pretende-se apresentar uma descrição que contribua não apenas para as pesquisas sobre a marcação da posse, realizadas a partir da Tipologia Lingüística, mas para um melhor conhecimento das construções possessivas nas línguas da Família Karíb.

PROPRIEDADES DONOTACIONAIS DO PREFIXO RELACIONAL DE NÃO CONTIGÜIDADE {I- /H-} NA LÍNGUA TENETEHAR

Fábio Bonfim Duarte (UFJF)

Nesse trabalho, investigam-se as funções gramaticais exercidas pelo prefixo relacional de não-contigüidade {i- ~ h-}, o qual se opõe ao prefixo relacional de contigüidade {O- ~ r-}. No âmbito dos estudos das Línguas Tupi-Guarani, considera-se que esses prefixos indicam a relação gramatical que se estabelece entre o núcleo de um sintagma (nominal, posposicional ou verbal) e o seu complemento. Por exemplo, usa-se o prefixo {O- ~ r-} para aqueles contextos em que o objeto de primeira ou segunda pessoa vem imediatamente adjacente ao núcleo do predicado. Por sua vez, o prefixo relacional {i- ~ h-} ocorre naqueles contextos em que o complemento não vem adjacente ao núcleo, seja porque foi omitido da sentença, seja porque foi movido para outra posição. Por isso, um dos pressupostos básico, assumido no âmbito dos estudos sobre línguas Tupi-Guarani, é o de que o prefixo {i- ~ h-}denota, em geral, não adjacência do complemento.
Contudo, a língua Tenetehar permite adicionalmente certos contextos sintáticos em que, embora o complemento venha adjacente ao núcleo na ordem linear, o prefixo relacional utilizado é o de não-contigüidade {i- ~ h-}.
Nessa linha de investigação, esse trabalho tem como objetivo principal buscar uma explicação da razão pela qual é possível a ocorrência desse prefixo nesses contextos, contradizendo, assim, o pressuposto básico de que o prefixo de
não-contigüidade {i- ~ h-} sempre denota a não adjacência do complemento em relação ao núcleo.
Para responder a essa indagação, exploraremos duas hipóteses, a saber: (i) a adjacência do complemento, na ordem linear, é apenas aparente;(ii)o complemento está numa posição de especificador de uma categoria funcional FP, possivelmente responsável pela natureza tópica ou focal do complemento/argumento.

SUFIXOS FLEXIONAIS REFERENCIAIS EM SARARÉ (KATITAULHU): UMA COMPARAÇÃO COM AS DEMAIS LÍNGUAS PERTENCENTES AO SUBGRUPO NAMBIKWÁRA DO SUL

Cristina Borella

A língua Sararé (katitaulhu) faz parte da família Nambikwára, família esta constituída por dois complexos dialetais e uma língua: Complexo dialetal Nambikwára do Sul, Complexo dialetal Nambikwára do Norte e Sabanê. O Sararé (katitaulhu) pertence ao que se nomeou, na literatura lingüística, como complexo dialetal Nambikwára do Sul.

As línguas Nambikwára do Sul apresentam dois sufixos nominais, a saber -a e -su. Kroeker (2001) e Lowe (1999) consideram, para outras línguas pertencentes ao subgrupo Nambikwára do Sul, o sufixo -su como marca de indefinido que se oporia a -a, marca de definido. O Sararé, diferentemente de outras línguas Nambikwára estudadas até o momento, apresenta uma marca formal de posse inalienável. As construções de posse, de um modo geral, são considerada na literatura linguística (Heine:1997) como semanticamente [+ definidas]. Em Sararé, o nome inalienável ocorre frequentemente com o sufixo flexional -su.Assim, se considerarmos, como Kroker e Lowe, -su como marca de indefinido; construções como "ta-a-ne-ki-su": (1-posse inalienável-cabeça-classificador-referencial)- 'minha cabeça' promoveriam um significado semântico inusitado, onde cabeça deve ser referenciada por um possuidor, e, ao mesmo tempo, também ser semanticamente indefinida. A língua Sararé, além de apresentar o sufixos acima mencionados, ainda apresenta o sufixo -sa, este não relatado nos trabalhos dos autores supracitados. Nosso objetivo nessa comunicação é demonstrar que os sufixos -su, -a e -sa, em Sararé, não denotam o valor semântico de definido e indefinido, mas o valor de referencial.Assim, a ocorrência de um sufixo em detrimento do outro está estreitamente ligada a relevância semântica do referente no ato da fala.